



Sublimação e cultura: o impudor de enunciar e a língua materna*

*Julia Kristeva***, Paris

Este artigo está centrado sobre o lugar da linguagem na sublimação e mostra que é pela linguagem que a sublimação é intrinsecamente e inevitavelmente cultural, nesse sentido sendo portadora de criatividade, o que, precisamente a distingue do recalçamento e da idealização. Nesta perspectiva, a autora analisa aqui as práticas textuais de Colette e de Proust. Questiona-se sobre a cultura moderna e aborda o papel da mulher, mais particularmente da maternidade, contestando a posição freudiana segundo a qual as mulheres seriam pouco aptas às sublimações pulsionais.

Descritores: sublimação, cultura, linguagem, semiosis, pulsão, enunciação/enunciado, Proust, Colette, Hegel, Klein, mãe.

* Intervenção de Julia Kristeva no 65º Congrès des Psychanalystes de Langue Française sobre *Sublimação* realizado em Paris, em maio de 2005. O Congresso discutiu a *Sublimação* a partir dos relatórios apresentados por Evelyne Sechaud, "Perdre, sublimer" e por J.L. Baldacci "Dès le début'...La sublimation?".

** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris.



Seria um preconceito de psicanalista – de lingüista, dirão as más línguas – considerar que a cultura determina *desde o início* a dinâmica da sublimação, na medida em que *a cultura é sustentada pela linguagem*? Sem chegar a dizer, com a Sagrada Escritura, que “no início era o Verbo”, considero, com alguns outros, que a atividade significativa é o que especifica a espécie humana, que ela é transmitida pela família e pela sociedade com base em uma maturidade genética e que todas as realizações ditas culturais que permitem “à nossa vida afastar-se daquela de nossos ancestrais e [...] têm duas finalidades: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si” (Freud, 1930b). Essas realizações culturais são, então, construídas sobre a capacidade de fazer sentido, sobre a capacidade semiótica, sobre a *semiose*. Parece-me impossível, por conseguinte, falar em sublimação sem articular, *desde o início*, sua experiência e sua noção com a *semiose* e, em particular, com a linguagem.

Evidentemente, o apoio da sublimação pela e na capacidade semiótica e/ou lingüística não foi esquecido por Freud. Tampouco pelos dois relatores de nosso Congresso que propõem esclarecimentos muito pertinentes, sobretudo sobre o papel da fantasia, que dá “uma outra forma” ao “objeto perdido”, segundo Evelyne Sechaud (2004), e mais especificamente sobre o significante lingüístico para J. –L. Baldacci (2004). Se retomo aqui o apoio da sublimação na *própria linguagem como fundamento da cultura* é, em primeiro lugar, porque na síntese de seus diversos avanços, em 1932, em que Freud nos lega sua concepção final, ele não liga explicitamente a linguagem à dinâmica da sublimação, a qual ele especifica segundo os três critérios seguintes: modificação da meta pulsional, mudança do objeto da pulsão e valorização social. Constatamos forçosamente que esta *valorização social* entra aqui como um critério alógeno, de uma ordem estranha àquela dos dois anteriores, e que não poderia juntar-se a eles sem a intermediação da *semiose* especificamente e da linguagem em primeiro lugar. Estas (*semiose* e linguagem) talvez sejam subentendidas como componentes da pulsão, definida como energia-e-sentido; mas, para muitos autores, têm uma lamentável tendência a desaparecerem sob a simples pressão energética do entrelaçamento pulsional.

É verdade que o pensamento de Freud com respeito à linguagem, além dos seus comentários – que permanecem formais – sobre *A significação antitética das palavras primitivas* (1910) e *a Representação de palavras ligada à Representação de coisas* (1923), só se aclarou como uma reflexão econômica em *A Negativa* (1925), pensamento logo seguido por Melanie Klein em seu estudo do “caso Dick” (Klein, 1930, p. 266; Kristeva, 2000, p.257) e, posteriormente, com a introdução da *posição depressiva* e da *reparação*. Sustentarei que esta marginalização relati-



va da problemática do sentido, da *semiose* e da linguagem em sua dependência-e-independência em relação à pulsão, pesa sobre o conceito freudiano de *sublimação* e que é responsável pela maior parte de suas dificuldades.

Centrarei minha intervenção sobre o lugar da linguagem na sublimação, para mostrar que é através da linguagem que a *sublimação* é intrínseca e inevitavelmente cultural, na medida em que é portadora de criatividade, o que justamente a distingue tanto do *recalque* quanto da *idealização*. Digo *através da linguagem* e entendo a linguagem não como o objeto *língua* desta ou daquela corrente da lingüística moderna ou antiga, mas como uma prática semiótica aberta à heterogeneidade da pulsão: uma *enunciação*, se preferirem, graças à qual a alquimia do prazer se transforma em gozo e a ligação simbólica em criatividade. Nesta perspectiva falarei, em seguida, de Colette e Proust e me perguntarei sobre a cultura moderna, antes de abordar, para terminar, o papel da mulher, e mais especificamente da maternidade, nessa eclosão da criatividade semiótica dos seres falantes que somos – e assim somente culturais –, contestando a posição freudiana segundo a qual as mulheres seriam *pouco aptas às sublimações pulsionais* (1930a).

Eu e Ele: o impudor de enunciar

A idéia de que *a cultura é a linguagem* agrada-me, como viram; agrada-me tanto que a encontrei – no sentido psicanalítico de *encontrado-criado* – em Hegel. Em *Fenomenologia do Espírito* (1944, p.76), no capítulo dedicado especialmente à cultura – que não é nem a religião, nem a filosofia, nem o espírito absoluto –, Hegel comenta *O Sobrinho de Rameau* de Diderot (1944, p.80). Como devem se lembrar, trata-se do famoso diálogo em que o Eu de um músico espasmódico que diz que “os pensamentos são suas devassas” confronta-se com Ele, o filósofo. Este desdobramento, que não pode deixar de chamar a atenção do analista, do analista de língua francesa, pois o texto está escrito em francês – como sublinha Hegel –, leva o filósofo alemão a afirmar, substancialmente, que a cultura seria *o impudor de enunciar* e que esta palavra impudica (entendo: referida às pulsões sem estas serem purificadas-neutralizadas pelo superego, mas apenas filtradas pelo Ideal do Ego) revela um corpo carnavalesco, lúdico, brincando de unir os contrários e exultante de sua habilidade técnica para manejar a linguagem. Estamos falando aqui de uma enunciação capaz de transformar a sensação febril de uma paixão em fugas compostas de prazeres de boca, ouvido e sentido, prazer em que a urgência da pulsão e da significação se apazigua se encarnando nas palavras da língua materna. A cultura seria, pois, aquele cruzamento, aquele face a face em



que a humanidade pensante (Ele, o filósofo) busca sua verdade muito mais secreta e mais sedutora, voltando-se para um Eu que não faz senão falar, impudico e lúdico, com o menor de recalque possível, mas, no entanto, com recalque suficiente para se fazer ouvir por aquele *Ele* que pensa e julga.

Como tal enunciação é possível? Será ela inerente a todo tipo de linguagem? Ou se trata de uma *linguagem diferente* da linguagem?

Quando, em *A Negativa*, Freud (1925) segue o percurso da negatividade, da *Ausstossung* e da *Verwerfung*, ou repúdio pulsional, até a inscrição psíquica pela facilitação do *traço mnêmico*; quando ele coloca o prazer da oralidade e da anolidade – devoração/expulsão, *Fort/Da* – em um registro psíquico que dá lugar ao Símbolo da negação e não mais à assimilação/defecação, ao *não é minha mãe* equivalente a *Eu não amo minha mãe*; quando inverte, enfim, esse enunciado para nele entender, em negativo, o *desejo denegado* – *eu a amo, eu a como e a mordo bombardeando-a ao mesmo tempo com minhas fezes* –, compreendo que o fundador da psicanálise nos lega um modelo de linguagem que nada mais é que a via real da sublimação.

Vamos dar um passo que Freud não ousou dar explicitamente em *A Negativa*, mas que o conjunto de sua obra nos convida a arriscar. Se é verdade que a aquisição da linguagem se aproveita da *negação* da pulsão (*Não é minha mãe*), a linguagem se constitui como um *objeto de tipo perverso*. É neste ponto preciso, constitutivo do ser falante, que reside *desde o início o impudor* da enunciação. E essa perversidade da sublimação – escrevamos a *père-versité* [pai-versidade]*, que se inverte incessantemente em *mère-versité* [mãe-versidade] – é um movimento constantemente reversível, para cima e para baixo, para a independência das formas e para a dependência pulsional.

Mas não basta dizer que a língua se defende do desejo sexual e da moção pulsional tornando-a psíquica e invertendo-a: a energia pulsional torna-se efetivamente investimento, e é o traço mnêmico que é *objetalizado*, conforme André Green, além e, às vezes, no lugar do objeto erótico. A inscrição psíquica, todavia, não pára de agir, de ser ativa e, portanto, enérgica, invertendo-se duplamente: na direção de sua fonte energética e na direção de seu próprio sentido contrário, para preservar o desejo como um segredo em torno do qual se aglutinará a identidade psíquica: imaginária e simbólica do ego.

Porém, a inscrição psíquica que muda de objeto contrai uma nova dependência: ela já será sempre sobredeterminada por seu investimento no novo objeto, ou seja, a linguagem. Uma das conseqüências desse investimento do objeto-lin-

* N.R.: No original: “*Et cette perversité de la sublimation, écrivons la père-versité*”.



guagem, assim como, posteriormente, de qualquer objeto cultural no lugar do parceiro erótico, será o fato de que a partir de então, no processo sublimatório, *o objeto cultural translingüístico imporá suas próprias leis e sua estrutura específica ao investimento do próprio investimento*. A sublimação pulsional será, assim, submetida não apenas aos meandros auto-eróticos do desejo de falar e/ou de sublimar, mas também, muito fortemente, às exigências específicas de uma determinada língua e de um determinado meio semiótico num dado momento histórico. Não sublimo do mesmo modo em chinês ou em francês, no século XII ou no século XXI, escrevendo um romance, compondo uma sinfonia ou criando um vestido. Podemos deduzir, então, a importância dos remanejamentos psíquicos após uma mudança de língua, por exemplo, ou após a passagem de uma prática sublimatória à outra.

Nunca será demais repetir: aqueles que se precipitam em reduzir o advento da linguagem a uma simples *defesa, recalque ou idealização* passam ao lado do papel essencial da cultura, que é o de assegurar a vida psíquica e o psiquismo como vida: renovação das linguagens, autocriação de si, recomeço dos vínculos. Freud diagnostica, por sua vez, a necessidade do pacto social que consiste em proibir o desejo socialmente impudico e remetê-lo ao tabu, quando não ao segredo. E vai mais adiante, pois a escuta e a interpretação que ele nos transmitiu, com sua preocupação de tornar o inconsciente audível, se inspiram em uma outra linguagem, ou mais exatamente em uma outra enunciação, aquela de Sófocles, Shakespeare, Diderot, Goethe, Dostoiévski. Depois dele, o aporte de Melanie Klein não poderia reduzir-se ao kleinismo estereotipado que não vê senão *reparação* na descoberta da *genial tripeira**: esta pioneira do brincar e dos simbolismos infantis detecta neles etapas bem mais complexas: da violência sacrificial do matricídio ao acesso ao pensamento por uma vocalização jubilatória, passando por um gozo fetichista dos objetos assimilados aos órgãos genitais.

Digamos que a enunciação desvendada pela experiência psicanalítica e usada por ela se parece exatamente ao que Hegel apreendeu em *O Sobrinho de Rameau*: o impudor de enunciar. Contra uma certa lingüística que obsessionaliza *o objeto-linguagem*, não é um aporte insignificante da psicanálise o fato de ter revelado à cultura moderna que a linguagem é uma enunciação que revela sua genealogia pulsional em seus *temas* bem como em seus *vocábulos e em seus próprios encaideamentos sintáticos*, cuja carga sonora e sensorial é percebida como *poética*. Uma enunciação que faz referência à sexualização mas que a abranda pelo simples fato de nomeá-la em vez de transformá-la em ação: um abrandamento parcial,

* N.R.: No original, "*tripeire*": tripeira, açougueira que vende tripas e vísceras de animais.



indefinido, infinito, jamais total. Uma enunciação que se recorda da renúncia ao objeto superestimado e que pode fracassar na renúncia à idéia abstrata, mas que é também capaz de evocar, *graças ao prazer de dizer*, a catástrofe de pensamento, a loucura, o delírio. Uma enunciação que, mesmo nessas ocorrências mais modestas que nunca serão *sublimações de exceção*, transforma até mesmo os acidentes psíquicos num gozo da busca de si por intermédio de uma terceira dimensão: entre o ego e seu objeto erótico-tanático, a *semiose* e a linguagem são o objeto indefinidamente possível de ser construído, o único válido realmente, a própria língua aberta a seu substrato pulsional heterogêneo e que se torna assim o Objeto Princípio do Sujeito da cultura.

Em outras palavras, *a linguagem que a sublimação porta é a perversão cultural constitutiva da espécie humana*, e o ser falante é, desde o início, culturalmente perverso. Sempre já transposta pela linguagem na cultura, a perversidade polimorfa se perlabora indefinidamente em criatividade. Não há outra criatividade dos seres falantes além daquela que encontra linguagens para efetuar esta *auto-criação* que chamamos de vida psíquica. Ela nos permite a experiência de estarmos vivos, ou mesmo de re-nascer e de desafiar o tempo da morte. “Renascer nunca esteve acima de minhas forças”: Colette somente pôde chegar a esta fórmula pretensiosa porque era especialista em sublimação. Quantos gozos, quantas crueldades e quantos crimes nessa relação maníaca que só nos *defende* ou nos *protege* dos acidentes da vida pulsional para melhor nos reconduzir à viagem ao fim da noite?!

A arte, a literatura, a pintura, a música: o imaginário. Eis a enunciação privilegiada que restitui à língua como sistema de comunicação a dinâmica sublimatória que a constitui, da qual é oriunda e que a elabora permanentemente¹, mesmo nas inibições mais severas e nas angústias catastróficas mais graves. Não há linguagem sem criatividade porque não há linguagem sem sublimação: basta entendê-lo que *isso* começa a existir, mesmo no sujeito falante mais deficiente. É justamente nisso que a psicanálise está baseada, saibamos ou não. É porque a sublimação é a onda portadora da linguagem humana que a psicanálise pode romper a barreira do recalque e da inibição para ter acesso à mobilidade da pulsão, abrindo simplesmente os ouvidos da contratransferência àquelas palavras inibidas, catastróficas, robotizadas, histéricas, obsessivas, *borderlines*, falsos-self e outras.

1. Denominei este trabalho, que fundamenta o código da comunicação sem o conhecimento de seus usuários, uma “infinidade potencial”, cf. “Pour une sémiologie des paragrammes”, In *Semiotikè, Essais pour une sémanalyse*. Paris: Le Seuil, 1969.



A sublimação já é sempre a onda portadora da criatividade lingüística, embora seja verdade que ela se atualiza com brilho na experiência estética, a *sublimação de exceção* (Baldacci, 2004).

Colette e Proust: a pureza do perverso e as descobertas com o autismo

A. Colette

Por seus temas eróticos que liberaram a geração de nossos pais, a obra escrita de Colette estimula no leitor uma eclosão de sensualidade. Mais do que isso, nós a sentimos imediatamente próxima porque ela soube modificar as palavras em si que, sob sua pena, deixam de ser os signos banalizados de um sentido universal para nos projetar em direção às sensações, aos afetos e às pulsões, os quais ela afirma jamais separar. “... para mim, tal palavra basta para recriar o cheiro, a cor das horas vividas; ela é sonora, plena e misteriosa como uma concha onde o mar canta” (1910, p.1084) “Entre o real e o imaginado, há sempre o lugar da palavra, a palavra magnífica e maior que o objeto” (1941, p.203). A palavra em que canta a mer/mère [mar/mãe]*. A palavra entre real e imaginado, entre dominação e idealização: a palavra maior que o objeto de referência ou maior que o objeto primeiro de desejo? A palavra *mer* [mar] maior que a água ou maior que *maman* [mamãe]?

Difícilmente encontraríamos uma definição mais exata e mais sensual da sublimação como dessexualização, mas se trata de uma dessexualização que, longe de recalcar a carga sexual, a transpõe para com ela preencher o próprio meio de comunicação, para carregá-lo, por sua vez, com os múltiplos estratos que compõem as *Representações de coisas* e as *Representações de palavras*, sem esquecer os afetos e até as próprias pulsões.

Essa experiência da linguagem não é necessariamente uma regressão; sempre respeitando o recalque, ela o torna sutil, poroso, permeável à pressão pulsional, que, assim filtrada pelas palavras, se torna algo diferente de um desejo-prazer. Seria mais um deslocamento da perversão inerente ao objeto parcial do desejo-prazer num objeto-fetichismo estranho, meio terceiro e universal: *é a linguagem tornada objeto de gozo*.

Como isso é possível? O encontro virtual entre Melanie Klein e Colette talvez permita esclarecê-lo. Tendo lido num jornal o resumo da representação, na

* N.T.: Em francês, as palavras “mer” [mar] e “mère” [mãe] são homófonas.



Ópera de Berlim, de *L'Enfant et les Sortilèges*² e sem ter visto o espetáculo nem lido o texto, Melanie Klein faz uma conferência, em 14 de março de 1929, na Sociedade Britânica de Psicanálise, intitulada: “As situações de angústia nas crianças e seus reflexos numa obra de arte e no ímpeto criador”. No personagem do jovem menino temperamental que luta contra a casa e o jardim, identificados com o corpo materno pela fantasia, a orestiana Klein diagnostica uma fixação na posição esquizo-paranóide que fragiliza gravemente a capacidade de pensar da criança. E é a sensorialidade animal – a dos gatos em sua dança nupcial sem palavra, imagem deslocada do coito parental invejado – que reconcilia a criança com um prazer do qual ela se sentia até então excluída. Somente assim ela pode se queixar por estar sozinha – a posição depressiva advindo no momento propício (“*Estou só... Contra sua vontade, a chama mamãe*”) – e *reparar* o objeto danificado: tratar a pata do esquilo.

O caminho de Colette passa, de fato, por essa depressão, tanto em sua vida quanto na obra em questão, mas é uma depressividade passageira que a escritora evoca em uma palavra – *só* – sem se alongar. Na verdade, os caminhos de Klein e de Colette divergem.

Fazendo menos que Melanie em relação à depressão, Colette faz mais do que a psicanálise em relação à perversão. À bissexualidade, que reivindica ao descrever-se como *um hermafrodita mental*, Colette acrescenta a relação incestuosa com seu enteado, Bertrand de Jouvenelle, trinta anos mais jovem que ela. Apropriando-se assim do objeto materno, objeto sexual superestimado, ela pode finalmente nomeá-lo: tirá-lo do segredo e transformá-lo à sua maneira, fazer dele sua própria *cultura*, seu próprio personagem, sua própria linguagem. As *Claudine* eram órfãs de mãe, mas após as atuações homossexuais e incestuosas, Colette poderá se tornar a autora do personagem materno mais majestoso da literatura francesa: Sido, deusa cósmica, carne do mundo, duplo da própria Colette. Compreende-se que as palavras da escritora não sejam apenas *equivalências* do objeto perdido, como pretende Klein, a matricida, que diagnosticava que era preciso perder a mamãe para que o proto-simbolismo das *equações* primárias (a roupa = mamãe) se tornasse *equivalências*, isto é, símbolos (a palavra *mamãe* representa e substitui a mamãe). As palavras de Colette são elas próprias *equações*, ou melhor, *equivalências-e-equações*, signos repletos dos prazeres pulsionais originais, ao mesmo tempo que transposições desses prazeres em sentido. Heterogeneidade sempre mantida, coabitação pulsão-sentido, jamais uma sem o outro. As atuações

2. O libreto foi escrito por Colette em 1915, sobre a música de Ravel. A primeira representação foi em Monte Carlo em 1925.



de Colette parecem atribuídas a um laboratório que perlabora a depressão em cultura, por meio da sublimação. Se ela recria, assim, a língua francesa, enchendo-a de palavras *maiores que o objeto*, é porque *se alimenta da mãe* (como diz o sábio taoísta: “Apenas eu me alimento da mãe”). Não é o que lhe permite identificar o prazer originário, o prazer oral, com a própria imaginação? “E você não tem fome ou não tem imaginação?”, frase que Colette faz uma de suas heroínas dizer. De fato, para esta mulher que soube resolver seu mal-estar através da cultura, a pulsão nunca está separada da psiquização, porque a linguagem é *desde o início* a face comunicável de uma fantasia encravada.

B. Proust

Mais blasfemo, mais trágico também, Proust estende o poder da sublimação numa escrita que acompanha o sadomasoquismo. Lembremo-nos da cena da flagelação do barão de Charlus (1989, p.394): o episódio relata uma atuação perversa que, por sua vez, faz eco com a sufocação do pequeno Marcel asmático e permite uma simbolização metonímico-metafórica, deslocada e condensada do neotênico, vítima da coexcitação mãe-filho.

Mas é o tratamento de um sonho raro, o do “segundo apartamento” (1988, p.370-373) que, de maneira mais lacunar e menos espetacular, testemunha os poderes da sublimação até os limites do representável e da linguagem. O sonhador se recorda primeiramente de um sonho indescritível, sem imagens nem palavras, que ele não pode evocar senão como “o risco de viver [...] sofrimentos que consideramos nulos e não ocorridos porque eles [são] vividos durante o sono que acreditamos ser desprovido de consciência”. Sofrimento branco, espaços *vazios, sem ninguém*, sem lembranças, em que *a mente é obrigada a arrear caminho*. Um fogo, campainhas, nenhuma representação: o sonho do segundo apartamento é um sonho *não ocorrido*, um sonho autista, a sensação sem linguagem, sem nada.

Esse sonho, no entanto, não seria sem pensamento. O sonhador encontra o pensamento por intermédio de um novo sonho num novo apartamento, mais próximo, que tem como tema a experiência da morte da avó, ou seja, da mãe do narrador. À inominável catástrofe psíquica daquele que dorme no segundo apartamento liga-se, no primeiro, o acontecimento real da perda do objeto materno. Como se a auto-análise do desejo incestuoso e da ambivalência agressiva levasse a criar, no primeiro apartamento, um *objeto de sonho* que faltava no segundo. É a cena do luto que interrompe o *sofrimento nulo e não ocorrido*, que o tira do indizível, dá signo, sentido e objeto àquilo que não tinha. A passagem do segundo ao primeiro apartamento pode ser lida como uma passagem das *equações* às *equivalências*, que desbloqueia simultaneamente a linguagem, o tempo da fantasia e o



tempo do relato. No cruzamento da pulsão inominável e da fantasia, a escrita de Proust é uma sublimação que inscreve *a sensação nula e não ocorrida* em dois tempos: no minimalismo do segundo apartamento e no relato erotizado do luto do primeiro. Assim, Proust tem êxito justamente onde o autista fracassa: em comunicar o esmagamento do sentindo e do sentido e em extrair de um sofrimento carnal sem sujeito um ato subjetivo de cultura.

Esta apreensão do irrepresentável, afeto ou sensação, esta saída do autismo se dá através da criação de uma nova língua: *o impudor de enunciar* adquire, em Proust, o aspecto de uma ironia cúmplice do sadomasoquismo que se enrola em intermináveis frases ofegantes, numa *Babel de paperolles*. Enquanto a língua minimalista do segundo apartamento *autista* evoca outras línguas insólitas, nas quais se sobressai a arte moderna de Jackson Pollock a Cy Tombly ou Jasper Jones e seus êmulos atuais.

Basta passar um dia no novo Museu de Arte Moderna em Nova Iorque para convencer-se – se o dilúvio midiático nos tivesse levado a duvidar – de que existe efetivamente uma cultura moderna, que é uma língua do inominável. Sua elegante brutalidade é um mundo incompreensível apenas para aqueles que não querem saber que explosão, resistente à subjetivação e à objetualização, sustenta a aventura sublimatória. Uma aventura que, constantemente ameaçada por esses riscos, se compraz, contudo, em levar uma vida nova, jubilatória, catastrófica e contagiosa. No que chamamos de *casos-limites*, trata-se apenas da vida das formas, em que sobrevive a vida das pulsões e em que o espectador robotizado pelo ambiente automatizado, tendo acesso a suas *sublimações excepcionais*, tem uma chance de ter acesso ao tempo perdido de seu inconsciente mais recluso. Isto não seria próprio da cultura?

No extremo dessa vontade sublimatória de formas, desenvolve-se evidentemente a *música*. Numa ópera de Mozart ou numa fuga de Bach, o objeto é a própria língua musical que se impõe como um mundo paralelo e no limite autônomo das intrigas amorosas, ou mesmo da exaltação divina que tal língua celebra. A música como *paraíso artificial*, perlaboração paroxística da pulsão em puro gozo e que não tem outro objeto além de sua própria construção, seria, então, o *supremo impudor de enunciar*? Assumindo o risco de isentar-se da própria ética? Tais seriam os poderes e os limites da sublimação cultural?



“Um último orgulho” ou o futuro da civilização?

Se reduzi assim a sublimação ao ato de linguagem, não foi apenas para aclarar a genealogia dos seres falantes que somos. Foi também para dirigir algumas questões inquietantes à cultura moderna.

- O império do espetáculo estende o império da sublimação à civilização do terceiro milênio, no lugar do fracasso do recalque e dos ideais? Quando alargamos as fronteiras do nominável a ponto de nomear em *best sellers* e mostrar em *reality shows* um *impudor* que nada parece refrear, trata-se de uma sublimação, no sentido ambicioso que desenvolvi anteriormente, ou seria antes uma *idealização* feroz do objeto e da satisfação sexual? Uma idealização que domina a sublimação quando não a faz fracassar?

- A onda da imagem sobre a linguagem não limitaria os *valores* perlaborativos da sublimação e dos produtos *culturais* com os quais nos inunda o espetáculo globalizado?

- Com esses objetos culturais da *sociedade do espetáculo*, não estamos atingindo os limites do benefício sublimatório, de modo que, em vez de contribuir para a organização do ego e para sua busca de temporalidades heterogêneas que constituem justamente a vida da mente, os consumidores de *cultura midiática* que nos tornamos se contentariam em tornar narcísico* seu transbordamento pulsional através da ingestão de *produtos sublimatórios*, porque têm pressa de alimentar, evacuar, digerir, *fazer*, tanto quanto de apagar o próprio traço psíquico?

- Esses desvios são reais, mas produzem também seus próprios anticorpos, não menos preocupantes. A volta dos interditos é um deles, por intermédio do fundamentalismo religioso, da investida na fé como perpetuação da neurose em detrimento dos componentes sublimatórios e perlaborativos das religiões, mas muitas vezes utilizando-os também. Em contraponto a esta inflação de intimidade pela *necessidade de crer*, valoriza-se ao contrário, no cotidiano social, político e profissional, uma linguagem calculadora, automatizada, fundada na obsessividade pelas defesas fóbicas que, censurando a criatividade sublimatória, banaliza a experiência humana.

- Nesse contexto, a psicanálise me parece ser um dos raros ou mesmo o único aliado da cultura-sublimação. Como o inconsciente, e em seus momentos de graça, nossa escuta e nossas interpretações *não julgam nem calculam, contentam-se em transformar* e não têm como finalidade senão permitir que o analisando

* N.R.: No original: *narcissiser*.



do adquira uma criatividade aberta à recriação de suas linguagens e de seus vínculos. Não penso que assim estejamos agindo como adeptos de uma cultura ultrapassada, correspondendo à crítica que nos é feita pelos defensores das diversas técnicas cognitivistas, comportamentalistas e outras. Porque o dispositivo da transferência – como aquele que torna possível a aquisição e a experiência da linguagem como criatividade sublimatória aberta – permite ampliar infinitamente a semiotização (quero dizer o tornar psíquico-e-a-comunicação*) das pulsões de vida e de morte. O intolerável pulsional de ontem pode, hoje, ser expresso em transferência-contratransferência e, de um outro modo, no mercado da cultura. A diferença entre os dois dispositivos reside no fato de que, no setting, a dinâmica *amor de morte* entre a 1ª e a 3ª pessoa, eu e ele, é enquadrada pelo Ideal do Ego e, de modo algum, por um código moral ou pelo imperativo da sedução espetacular. Entretanto, este filtro do Ideal do Ego que sustenta a parte sublimatória do processo analítico, por mais frágil que ele seja, constitui o *grau zero* da ética psicanalítica; ela se apóia nele e o transmite. Quaisquer que sejam os transbordamentos pulsionais e a sexualização complacente dos instintos, a linguagem permanece o organizador *princeps* do sujeito na sua consideração pelo outro. A perlaboração com atenuação do Ideal do Ego e do Superego pode, então, implantar-se aí, e a linguagem impudica pode revelar-se em nossos divãs como sendo também o pudor da pulsão, porque nela está inserida a estrutura móvel da identidade psíquica. Pode-se dizer que a linguagem mais impudica, ou até mesmo a mais criminosa, se evitar a, atuação é o lugar último de nosso orgulho. “O pudor da linguagem é um último orgulho” (Aragon, 1954; Kristeva, 2002, p.91).

Mas minha avaliação otimista da experiência psicanalítica comporta também seus limites. Se, por um lado, o dispositivo analítico assegura a liberdade e a dignidade (impudor e orgulho) do sujeito através do *talking cure*, por outro lado não poderia enquadrar as pulsões de massa. O próprio Kant considerava que a aplicação da *razão prática*, de uma ética viável para a humanidade, só seria possível por intermédio de um novo *corpus mysticum*. Ainda o estamos buscando. No horizonte de nossa prática, seria a comunidade dos analisandos-analisados? Se esta fosse possível, devemos admitir que essa miragem só seria realizável numa temporalidade infinita.

• Enquanto isso e para concluir, tratarei de um fenômeno que talvez seja mais de nossa competência. A linguagem como sublimação criativa, heterogeneidade pulsional, abertura do tempo e do espaço psíquico depende, como já repetimos bastante na SPP, tanto da função paterna quanto do apoio materno. Questão:

* N.R.: No original: “*psychisation-et-la-comunication*”.



como isso seria possível se as mulheres fossem inaptas à sublimação?

• Freud anunciara imprudentemente essa excomunhão, talvez em relação à excitabilidade histérica, rebelde à simbolização e que, a histérica, cobiça tão ardentemente, que a engole violentamente. A maternidade opera, por outro lado, uma tal transformação da libido, que a sexualidade é adiada pela corrente terna, enquanto a exaltação narcísica e seu inverso melancólico, chegando até a *loucura materna* combinada com sua indestrutível dominação, cedem diante da criação de um *ciclo sublimatório* em que a mãe se coloca diferenciando-se do recém-nascido. Emissão de *significantes enigmáticos*, recuo pulsional com um *prêmio de incentivo* que a mãe dá à única resposta da criança e, enfim, gozo ainda maior que a mãe obtém para si mesma em retorno, após a resposta da criança: esse ciclo sublimatório, que J. –L. Baldacci (2004) observa na dinâmica do chiste de Freud, é igualmente a dinâmica sublimatória da mãe suficientemente boa!

• O ciclo sublimatório que não é desprovido daquilo que chamei de uma perversidade sublimatória do comportamento e da palavra, uma vez que a mãe *adia* de fato sua dominação imediata sobre a criança para melhor gozar justamente desse adiamento. Santa mãe! É somente assim que ela permite que a criança crie uma língua própria, sua própria língua, que equivale a escolher uma língua estranha àquela da mãe ou mesmo uma língua estrangeira simplesmente. À medida que a mãe, forçosamente orestiana e, por isso mesmo, sublime, forçosamente sublime, goza ela própria desse matricídio simbólico, ela se torna uma mãe suficientemente boa que estabelece com seu filho a dinâmica do chiste. Estamos a um passo de dizer que é justamente a sublimação materna, oferecendo-se como apoio à aquisição da linguagem, que é o humor supremo que supostamente falta às mulheres – cf. a *eterna ironia da comunidade* como Hegel as define –, passo que dou de bom grado. A sublimação materna possuiria, então, a chave da cultura?

O futuro da cultura depende menos, definitivamente, da televisão, que faz com que a sublimação corra perigo, do que das mães e de nossa capacidade analítica para entender a aptidão à sublimação, e para reconhecê-la, para que elas próprias construam a linguagem desta cultura. □

Abstract

Sublimation and culture: the lack of shame at enunciating and the mother tongue

This article focuses on the place of language in sublimation, and shows that it is through language that *sublimation* is intrinsically and inevitably cultural, and



in this sense bears creativity, which precisely distinguishes it from *repression* and *idealization*. From this perspective, here the author analyzes the textual practices of Colette and Proust. She asks herself about modern culture and discusses the role of women, particularly of maternity, contesting the freudian position according to which women do not present a great aptitude to *instinctual sublimations*.

Keywords: sublimation, culture, language, *semiosis*, instinct, enunciation/enunciagem, Proust, Colette, Hegel, Klein, mother.

Resumen

Sublimación y cultura: el impudor de enunciar y la lengua materna

Este artículo está centrado sobre el lugar del lenguaje en la sublimación y muestra que es por el lenguaje que la *sublimación es* intrínsecamente e inevitablemente cultural, en ese sentido siendo portadora de creatividad, lo que, precisamente la distingue del *recalcamiento y de la idealización*. En esta perspectiva, la autora analiza aquí las prácticas textuales de Colette y de Proust. Se pregunta sobre la cultura moderna y aborda el papel de la mujer, más particularmente de la maternidad, contestando la posición freudiana según la cual las mujeres serían *poco aptas a las sublimaciones pulsionales*.

Palabras llave: sublimación, cultura, lenguaje, *semiosis*, pulsión, enunciación/enunciado, Proust, Colette, Hegel, Klein, madre.

Referências

- ARAGON, L. (1954). Madame Colette. Les Lettres françaises, 12-19 août, 1954. In.: Kristeva, J. *Le Génie féminin*, Paris: Fayard, 2002. tome III.
- BALDACCI, J.L. (2004). Dès le debut... La sublimation? *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, n. 74, nov/dec 2004.
- COLETTE (1910). La Vagabonde. In: ———. *Œuvres complètes*, Paris: Gallimard, coll. "bibliothèque de la Pléiade", 1984. tome I.
- . (1941). Journal à rebours. In: ———. *Œuvres complètes*, Paris: Gallimard, coll. "bibliothèque de la Pléiade", 2001. tome IV.
- FREUD, S. (1910). Du Sens opposé des mots originaires. In: ———. *Œuvres complètes*, Paris: PUF, 1993. tome X. tr. fr. Janine Altounian, André Bourguignon, Pierre Cotet, Alain Rauzy.
- . (1923) Appendice C de la Métapsychologie. In: ———. *Œuvres complètes*, Paris: PUF, 1992. tome XVII.



- _____. (1925) La Négation. In: _____. *Œuvres Complètes*, Paris:PUF, 1992. XVII, tr. fr. Jean Laplanche,
- _____. (1930a) Le Malaise dans la culture. In: _____. *Œuvres Complètes*, Paris:PUF, 1994. tr. fr. Pierre Cotet, René Lainé, Johanna Stute-Cadiot, tome XVIII.
- _____. (1930b) Le Malaise dans la culture. In: _____. *Oeuvres complètes*, Paris:PUF, 2002. tr. fr. P. Cotet, R. Lainé, J. Stute-Cadiot, tome XVIII.
- _____. (1932) Nouvelle Suite des leçons d'introduction à la psychanalyse. In: _____. *Œuvres complètes*, Paris:PUF, 1995. tr. fr. Janine Altounian, André Bourguignon, Pierre Cotet, Alain Rauzy, Rose-Marie Zeitlin, tome XIX.
- HEGEL, G.W.F. (1944). *La Phénoménologie de l'esprit*. Paris:Aubier-Montaigne, 1944. coll. "Philosophie de l'esprit", tr. fr. Jean Hyppolite, tome II.
- KLEIN, M. (1930). *Klein, Essais de psychanalyse*. Paris:Payot, 1967. tr. fr. M. Derrida.
- KRISTEVA, J. (1969). Pour une sémiologie des paragrammes. In: _____. *Semeiotikè, Essais pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.
- _____. (2000). *Le Génie féminin, Melanie Klein*. Paris:Fayard, tome II.
- _____. (2002). *Le Génie féminin*, Collete. Paris:Fayard, tome III.
- PROUST, M. (1921-22). Sodome et Gomorrhe. In: _____. *Oeuvres complètes*, Paris:Gallimard, coll. "Bibliothèque de La Pléiade", 1988. tome III.
- _____. (1927). A la recherche du temps perdu, Le Temps retrouvé. In: _____. *Oeuvres complètes*, Paris:Gallimard, coll. "Bibliothèque de la Pléiade", 1989. tome IV.
- SECHAUD, É. (2004). Perdre, sublimer". *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, n.74, nov/dec 2004.



Recebido em 09/06/2005
Aceito em 10/08/2005

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão técnica de **Gisha Brodacz** e **Luciane Falcão**

Julia Kristeva
76 Rue D'Assas
75006 – Paris – France
E-mail: kristeva@paris7.jussieu.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA

